

## Há voz na surdez? (*La*)língua dê sinais

Viviane do Espírito Santo dos Santos<sup>1</sup>  
Heloisa Caldas<sup>2</sup>

“As vozes cantadas são um mistério. Uma única vez o mistério se desmanchou. Eu não sei quando nem que idade eu tinha. É ainda presente até hoje. Eu via Callas na televisão. Meus pais assistiam e eu me sentava com eles na frente da tela. Eu vi uma mulher forte, que mostrava ter uma personalidade forte. De repente, havia uma imagem em primeiro plano, que se podia sentir efetivamente sua voz. Olhando com intensidade eu compreendi a voz que ela devia ter. Eu imagino uma música não muito alegre, mas eu vejo bem que a voz vem do fundo, de longe, que essa mulher canta com seu ventre, com suas entranhas. Isso tem um efeito terrível em mim. Será que eu ouvi efetivamente a voz? Eu não sei. Mas eu experimentei efetivamente uma emoção. Essa única vez onde se passou alguma coisa desse tipo. Maria Callas me emocionou. Foi a única vez na minha vida onde eu experimentei, imaginei uma voz cantada”.<sup>3</sup> (Laborit, 1993, p.31)

O título comporta dois pontos pensados a partir da surdez e da língua de sinais: o objeto voz e *lalíngua*. A questão central desse trabalho é: O que faz um sujeito com deficiência auditiva se inserir no campo da linguagem? O presente trabalho aborda a voz e a constituição do sujeito, desenvolvido a partir da prática psicanalítica de sujeitos que possuem a surdez como particularidade no corpo. Apresentamos um recorte de nossa pesquisa sob o título: “Sobre a surdez: as incidências da linguagem na constituição do sujeito”.

Tomaremos ao longo do trabalho, algumas falas do livro “O vôo da gaivota” de Emmanuelle Laborit, atriz francesa, escritora e surda. “Primeira lembrança? Não há nem primeira nem última lembrança de infância na minha desordem comigo mesma. Há sensações. Dois olhos e o corpo para registrar a sensação”<sup>4</sup>. (Laborit, 1993, p. 28).

Não há como localizar as lembranças de infância no tempo. Há um corpo que registra sensações. E o que faz as sensações se registrarem? Registro é da ordem da linguagem. Trata-se do aparelho psíquico. Freud apresenta o aparelho psíquico como um aparelho de linguagem onde divide o aparelho em sistemas. Na “Carta 52” (1896) Freud tanto diz do momento de fundação do aparelho psíquico como explica seu funcionamento, o mecanismo psíquico.

O aparelho psíquico se divide em camadas e sofre retranscrições de tempos em tempos.

---

<sup>1</sup> Mestranda do programa de Pós-Graduação em psicanálise da UERJ sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Heloisa Caldas.

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup> Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ. Psicanalista, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise - EBP e da Associação Mundial de Psicanálise – AMP.

<sup>3</sup> “*Les voix chantées, elles, sont un mystère. Une seule fois le mystère s'est déchiré. Je ne sais pas quand, ni à quel âge. C'est encore au présent. Je vois la Callas à la télévision. Mês parents regardent et je suis assise avec eux devant l'écran. Je vois une femme forte, qui semble avoir un caractère fort. Tout d'un coup, il y a une image en gros plan, et là je ressens vraiment sa voix. En la regardant avec intensité je comprends la voix qu'elle doit avoir. J'imagine une chanson pas très gaie, mais je vois bien que la voix vient du fond, de loin, que cette femme chante avec son ventre, ses tripes. Ça me fait un effet terrible. Est-ce que j'ai vraiment entendu la voix? Je ne sais pas du tout. Mas j'ai vraiment ressenti une émotion. C'est la seule fois où il s'est passé quelque chose comme ça. Maria Callas m'a touchée. C'est la seule fois de ma vie où j'ai ressenti, imaginé, une voix chantée*”.

<sup>4</sup> “*Premier souvenir? Il n'ya ni premier ni dernier souvenir d'enfance dans mon désordre à moi. Il y a des sensations. Deux yeux et le corps pour enregistrer la sensation*”.

Existem pelo menos três transcrições no aparelho psíquico: signo de percepção, primeiro registro da ordem da memória no aparelho psíquico; inconsciente, onde se localizam os traços mnêmicos e os registros vindos dos restos de coisas vistas e ouvidas que passam pela percepção; e a consciência, onde parte do material registrado se localiza no pré-consciente, e tem-se acesso a ele por via das representações-palavras.

Signo de percepção, traços mnêmicos e representações-palavras são os nomes que apontam para a linguagem em Freud. Lacan no seminário 11 faz alusão ao termo signo de percepção dizendo que seu verdadeiro nome é significante. (Lacan, 2007, p.31) “O inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Posteriormente, no avanço de sua teorização, ele aponta que essa linguagem nada tem a ver com a comunicação ou com a linguística, é uma linguagem que se refere à *lalíngua*. “A linguagem, sem dúvida, é feita de *lalíngua*, é uma elucubração de saber sobre a própria *lalíngua*” (Lacan, 2010, p.267).

Lacan utiliza esse termo *lalíngua*, *lalangue* no francês, escrito em uma só palavra para designar a diferença entre a linguagem, como o que necessita de um emissor e de um receptor e que comporta uma mensagem, tal como é tomada na linguística para o que é da ordem da linguagem na qual o inconsciente é estruturado. “Se eu disse que a linguagem é aquilo como o que o inconsciente é estruturado, é exatamente porque a linguagem não existe. A linguagem é o que se tenta saber com relação à função de *lalíngua*” (Lacan, 2010, p.267). Falar de *lalíngua* é falar do que afeta um sujeito, que emerge como efeito.

“*Lalíngua* nos afeta, de início, por tudo o que ela comporta de efeitos, que são afetos. E se podemos dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem é, muito precisamente, porque esses efeitos de *lalíngua*, que já estão ali como um saber, como um saber que não tem nada a fazer, vão muito além de tudo o que o ser, o ser que fala é suscetível de articular como tal” (id, 2010, p.267 e 268).

O termo *lalíngua* comporta algumas possibilidades de sentido. Uma delas se relaciona com o termo lalação cuja ação, do latim “*lallare*”, significa cantar para ninar as crianças. Esse termo, que aponta “a forma infantil de falar”, tem a ver com a musicalidade, o canto e a voz. Articula-se ao desejo do Outro e possibilita a constituição do sujeito, assim como a circunscrição de um corpo pela via da linguagem. A constituição do sujeito passa pelo desejo do Outro e faz ecoar sons nos orifícios do corpo. Podemos pensar que algo da ordem da lalação também se apresenta em pessoas surdas. Vejamos mais um trecho do livro de Emmanuelle Laborit:

“Eu me lembro do ventre. Minha mãe está grávida de minha irmã menor, eu sinto as vibrações muito fortes. Eu sinto que há alguma coisa. O rosto enterrado na barriga de minha mãe, “eu ouço” a vida. Eu não posso imaginar que há um bebê na barriga de mamãe. Para mim, é impossível. Eu vejo uma pessoa, e há uma segunda pessoa dentro dela? Eu digo que isso não é verdade. Isso é uma piada. Mas eu amo

o ventre de minha mãe e o ruído da vida dentro dele. Também gosto da barriga de meu pai, à noite, quando ele conversa com amigos e com minha mãe. Eu estou cansada, deito-me ao lado dele, a cabeça na sua barriga e sinto sua voz. Sua voz passa por sua barriga e eu sinto as vibrações. Isso me acalma, me tranquiliza, é como uma canção de ninar, eu caio no sono com suas vibrações como uma cantiga na minha cabeça”<sup>5</sup> (Laborit, 1993, p.28).

Não seria essa ressonância, essa vibração, a qual Emmanuelle se refere, da ordem de *lalíngua*? Uma voz que ressoa no corpo.

*Lalíngua* é a língua de cada um como resposta à língua em que o sujeito foi falado. Ela não remete ao sentido das palavras, mas às suas modulações, suas vibrações, sua lógica. Tem relação com a voz, na medida em que esta, como objeto *a*, indica o desejo do Outro. Lembramos que a voz se inscreve na série dos objetos *a*, apresentados por Lacan em *O seminário 10: a angústia*, onde articula o seio e as fezes à demanda e o olhar e a voz ao desejo.

Como objeto *a*, a voz cai da operação significante. Lacan diz que a linguagem não é a vocalização. Há uma relação mais do que acidental ligando a linguagem à sonoridade. A sonoridade, aqui, se relaciona com o fato de a voz fazer ressoar: "ressoa num vazio que é o vazio do Outro como tal" (Lacan, 2005, p. 300).

E o que é o corpo? Lembremos com Freud que “o eu é, sobretudo uma essência-corpo” (1923, p.27). Corpo é um eu-superfície afetado por *lalíngua*. A voz vibra no corpo, faz corpo. E essa vibração não se refere somente ao "aparelho auditivo". A constituição do corpo tem a ver com os registros, com a linguagem, com o aparelho psíquico. *Lalíngua* marca o corpo e possibilita a assunção de um sujeito.

No texto "O eu e o isso" Freud introduz a proposta de um aparelho de linguagem, o “*Horkappe*”, uma placa auditiva, um receptor acústico que se assenta transversalmente ao eu. Este termo, “*Horkappe*”, é desmembrado em duas palavras: “*Hören*” – que significa ouvir, escutar e “*Kappe*” – boné, gorro, capuz, tampão. Um dispositivo que se acopla ao eu, um “tampão de ouvir”, uma calota acústica. Esse ouvido que se assenta transversalmente ao eu é o que permite ao sujeito receber a linguagem, é um receptor dos restos de palavras ouvidas localizado na superfície do corpo. “*Horkappe*” aponta para o “ouvir” de que se trata: ouvir o que ressoa do vazio do Outro, vibração que marca o corpo – voz.

*Lalíngua* afeta o corpo e faz contorno em suas bordas. Nesse sentido, o que se ouve implica

---

<sup>5</sup> “*Je me rappelle le ventre. Ma mère est enceinte de ma petite soeur, je sens très fort les vibrations. Je sens qu'il y a quelque chose. Le visage enfoui dans le ventre de ma mère “j'entends” la vie. J'ai du mal à imaginer qu'il y a un bébé dans le ventre de maman. Pour moi, c'est impossible. Je vois une personne, et il y a une deuxième personne dans la même personne? Je dis que ce n'est pas vrai. C'est une blague. Mais j'aime le ventre de ma mère, et le bruit de la vie qui est dedans. J'aime aussi le ventre de mon père, le soir, quand il discute avec des amis, ou avec ma mère. Je suis fatiguée, je m'allonge près de lui, la tête contre son ventre et je sens sa voix. Sa voix passe par son ventre et je sens les vibrations. Ça me calme, ça me rassure, c'est comme une berceuse, je m'endors avec ses vibrations comme une comptine dans ma tête”.*

o Outro, implica a linguagem. Trata-se muito mais de haver o Outro do que de ouvir o Outro. Haver o Outro abre a possibilidade de um sujeito se constituir. *Lalíngua* se apresenta mesmo em um aparelho auditivo “deficiente”, como é o caso de uma pessoa surda.

Referindo-se às sessões com a fonoaudióloga, Emmanuelle diz:

“Minha mãe participou das sessões. Foi um apoio materno-infantil. É através da identificação com essa mulher que minha mãe aprendeu a falar comigo. Mas a maneira como nos comunicamos foi animal, instintiva, eu chamei-lhe "umbilical". Eram coisas simples, como comer, beber, dormir. Minha mãe não me impede de fazer gestos como nos havia recomendado. Ela não teve coragem de me proibir. Havia outros sinais que foram completamente inventados”<sup>6</sup> (Laborit, 1993, p.17).

Signos completamente inventados que possibilitam a Emmanuelle se "comunicar" com sua mãe. Há aí campo do Outro, linguagem. Esses signos inventados apontam para o desejo do Outro e para a linguagem. Não sem razão Emmanuelle chama essa linguagem de "umbilical". Umbigo que mostra a não separação do sujeito ao Outro - tempo da alienação que insere um sujeito na linguagem.

Nesse sentido, ouvir, tomado aqui como a circunscrição da borda do corpo que faz cair o objeto voz, só é possível pela linguagem. “A vida que uma linguagem rejeita, nos dá bem a ideia de que é algo da ordem do vegetal”. (Lacan, 1974, p.11) Onde não há linguagem, há somente um vegetal. Não há ouvido nem objeto voz, nesse sentido, não há corpo, nem possibilidade de constituição de um sujeito.

Voltemos ao título deste trabalho. Ele apresenta um duplo sentido. *Lalíngua* e língua de sinais. Que articulação é possível fazer?

A língua de sinais é uma língua gestual que apresenta as características básicas das línguas naturais. Uma técnica articulatória complexa cujas bases são: física, biológica, que veicula a articulação da língua; cognitiva; sociocultural e socioeducativa. Estudos linguísticos mostram que as línguas de sinais são comparáveis às línguas orais em expressividade e complexidade. Há uma variedade extensa de línguas de sinais: LIBRAS (língua Brasileira de Sinais), ASL (língua de sinais Americana), LSF (língua francesa de sinais), etc. As línguas de sinais, assim como as línguas orais, visam à comunicação. A diferença principal das línguas de sinais em relação às línguas orais é a sua disposição visual ao invés de auditiva.

Virole trabalha a língua de sinais associada aos caracteres da escrita oriental, da qual se poderia pensar que, por se tratar de uma língua mais visual, a palavra estaria diretamente ligada à

---

<sup>6</sup> “*Ma mère assistait aux séances. C'était une prise en charge mère-enfant. C'est par identification avec cette femme que ma mère a réappris à me parler. Mais notre façon de communiquer était instinctive, animale, j'appelle ça "ombilicale". Lis s'agissait de choses simples, comme manger, boire, dormir. Ma mère ne m'empêchait pas de faire des gestes, alors qu'on le lui avait recommandé. Elle n'avait pas le cœur à me l'interdire. On avait d'autres signes à nous, complètement inventés*”.

coisa que ela representa. Mas esse elo é sempre perdido. Não há uma significação posta na palavra. Mesmo sendo uma língua de sinais, há o significante que não se significa por si mesmo. Se a palavra falada por meio de sinais tivesse ligação direta com a coisa que ela representa, não haveria as diferenças que existem entre a língua brasileira de sinais e a língua francesa de sinais, por exemplo. Mesmo dentro de uma língua gestual, há traços de regionalizações, quase como os sotaques e gírias na língua oral, havendo, portanto, diferenças entre idiomas de sinais também. Não há uma ligação direta entre palavra e coisa. Há significantes que se encadeiam, assim como na fala oral. Se uma língua é o que pretende uma comunicação, o mesmo ocorre com a língua de sinais. Podemos dizer que o que é da ordem de *lalíngua* esta presente na língua de sinais?

Em sua origem, *lalíngua* cai do Outro, mas não do Outro organizado como sistema linguístico. Ela advém do Outro desorganizado, desconhecido, como efeito das ressonâncias que provoca no corpo. A fala não se origina do sistema estruturado como uma linguagem, nem deriva da busca da comunicação. Como uma montagem ela se dá a partir de peças soltas e heteróclitas. Serão os usos dessa montagem, no discurso, que permitem a construção do Outro como um sistema (Caldas, 2007, p. 54).

Tomaremos a citação utilizada anteriormente da fala de Emmanuelle. Os sinais completamente inventados que fazem a sustentação de sua linguagem “umbilical” com a mãe sustentam a lógica pela qual ela opera. Mas a construção social que a língua comporta, que visa a “comunicação”, se inscreve em um tempo posterior, assim como a leitura e a escrita. É necessário haver *lalíngua* para posteriormente um sujeito se inscrever na língua corrente, usar o código, fazer laço social.

A língua de sinais, no caso de Emmanuelle Laborit, parece ter sido introduzida pelo pai.

“Meu pai ouviu algo no rádio. [...] Naquele dia, na cultura francesa, disse papai, este é um homem surdo que fala!

Meu pai explicou a minha mãe que este homem, ator e diretor, Alfredo Conrado, fala silenciosamente a língua de sinais. Esta é uma língua diferente, falada no espaço, com as mãos, expressões faciais e corporais! [...] Alegria, porque em Vincennes, perto de Paris, se encontra, com certeza, uma solução para mim! Ele quer me levar. Ele também sofre por não ser capaz de falar comigo, ele está pronto para tentar.

Mamãe diz que ela não o acompanhará. Ela tem medo de ser perturbada, talvez de se decepcionar muito. [...] nós temos, eu e ela, nosso sistema de comunicação complicada, que eu chamo de “umbilical”. Estamos acostumadas. Meu pai não fez nada. Ele sabe que eu precisava me comunicar com os outros, que eu realmente queria, o tempo todo. Esta possibilidade cai do céu pelo entusiasmo de rádio.

Eu acho que esta é a primeira vez que ele realmente aceita a minha surdez, me oferecendo este dom inestimável. E oferecendo-o a si mesmo, porque ele queria desesperadamente entrar em contato comigo”.<sup>7</sup> (Laborit, 1993, p. 48, 49 e 50).

---

<sup>7</sup> *Mon père a entendu quelque chose à la radio[...]. Mais ce jour-là, sur France-Culture, a dit papa, c'est un sourd qui s'exprime!*

Opera-se um corte na relação dual mãe-criança com a introdução da língua de sinais, pela via do pai. Tem-se aqui o movimento da separação. Só podemos falar desse segundo momento, referente ao tempo da separação por haver alienação. E é por haver *lalíngua*, é possível a estruturação psíquica à posteriori.

Não podemos dizer, nos parece, que todos os surdos se localizam em uma mesma estrutura psíquica. Uma coisa é a estrutura psíquica, outra é a surdez. Há surdos de nascença que tornam-se neuróticos, psicóticos ou perversos. Não é a surdez para o som que determina a estrutura do sujeito e sim como o sujeito se encontra referido ao nome-do-pai. O nome-do-pai é o que possibilita um arranjo, pela via do sintoma, da forclusão ou do desmentido para essas marcas no corpo da ordem de *lalíngua*.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CALDAS, H. *Da voz à escrita. Clínica psicanalítica e literatura*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

CUNHA, Angélica Furtado da, COSTA, Marcos Antônio e MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Linguística*. In: Manual de Linguística/Mário Eduardo Martelotta (org.). São Paulo: Contexto, 2009.

FREUD, Sigmund. *Carta 52 (6 de diciembre de 1896)* In: Sigmund Freud – Obras Completas. Volume I. Buenos Aires: Amorrortu: 1992.

\_\_\_\_\_. *El yo y el ello (1923)*. In: Obras Completas Sigmund Freud. Volume XIX. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1992.

LABORIT, Emmanuelle. *Le cri de la mouette*. Paris: Robert Laffont, 1993.

LACAN, Jacques. *O seminário livro 10: A angústia. (1962-63)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *O seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1963-64)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *Encore (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2010.

\_\_\_\_\_. *A terceira (1974)*. Versão de circulação interna da Escola Letra Freudiana. Tradução:

---

*Mon père a expliqué à ma mère que cet homme, acteur et metteur en scène, Alfredo Conrado, parle silencieusement le langage des signes. C'est une langue à part entière, qui se parle dans l'espace, avec les mains, l'expression du visage, du corps! [...] De joie, parce à Vincennes, près de Paris, se trouve peut-être, sûrement, une solution pour moi! Il veut m'yemmener. Il souffre trop de ne pas pouvoir parler avec moi, il est prêt à tenter l'expérience.*

*Maman dit qu'elle ne veut pas l'accompagner. Elle a peur d'être perturbée, peut-être d'être déçue aussi. [...] Et puis nous avons, elle et moi, notre système de communication compliqué, celui que j'appelle « ombilical ». Nous y sommes habituées. Mon père, lui, n'a rien. Il sait que je suis fait pour communiquer avec les autres, qu'en ai très envie, tout le temps. Cette possibilité qui lui tombe du ciel par la radio l'enthousiasme.*

*Je crois que c'est la première fois qu'il a accepté réellement ma surdité, en'moffant ce cadeau inestimable. Et en se l'offrant à lui-même, car il voulait désespérément communiquer avec moi.*

Analúcia Teixeira Ribeiro.

NOCETTI, Milton A. & FIGUEIREDO, Regina Célia. *Línguas naturais e linguagens documentárias: traços inerentes e ocorrências de interação*. In: Revista de Biblioteconomia. Brasília: 6 (1), jan./jun, 1978.

VIROLE, Benoît. *Figures du silence – Essais cliniques. Autour de la surdit e*. Paris:  ditions Universitaires, 1990.